O gosto pela Matemática e o gosto por ser professor de Matemática

Há poucos dias, numa sessão plenária do ProfMat da Covilhã, e contra o costume, calculei bem de mais o tempo da minha intervenção e terminei antes do tempo! A Rita Bastos disse *"podes ainda falar 8 minutos"* mas eu, depois de hesitar um momento, disse que não, que tinha realmente acabado.

É estranho como tanta coisa pode passar pela cabeça de uma pessoa em poucos segundos, mas foi exactamente o que me aconteceu durante aquela hesitação.

Comecei por ter a tentação de efectivamente aproveitar aqueles minutos para *vender mais um pouco* de educação matemática. Por exemplo, dizer que reparassem bem na beleza da matemática explicitada pelo problema do pentágono e pelas várias resoluções apresentadas (ver o número anterior da *Educação e Matemática*, pág. 5). Mostrar como um enunciado tão simples de compreender podia conduzir a múltiplas resoluções, à primeira vista tão diferentes. Acrescentar que a beleza da matemática não consiste apenas na existência dessas múltiplas estratégias e caminhos mas também no facto dessas resoluções, se formos um pouco mais fundo na análise, se revelarem interligadas e mesmo, por vezes, serem exactamente a *mesma resolução* expressa em linguagens diferentes, correspondendo a domínios complementares da *mesma matemática*.

Ao mesmo tempo que ia pensando nisto, uma sensação da completa inutilidade em o fazer me ia invadindo ... Uma voz me dizia que ou a própria apresentação do problema e das suas resoluções tinha implicitamente comunicado essa beleza, ou não eram afirmações mais ou menos piedosas ou convincentes que o iam fazer. Ou seja, o *mal ou o bem* já estavam feitos, se não a 100 por cento pelo menos perto disso. Por outras palavras, ou eu tinha gostado tanto do problema e da matemática envolvida que a minha exposição tinha sido contagiante, ou pouco mais havia a fazer ...

Ao fim de alguns segundos, esta voz acabou por vencer e dei a intervenção por finda ...

O gosto pela matemática não se ensina, não é objecto da didáctica... Muitos de nós sabem perfeitamente quem os conduziu a gostar da matemática — isto é, a gostar de resolver problemas, de discutir resoluções de problemas, de fazer um esforço prolongado para compreender uma passagem de um livro de matemática, de comunicar uma descoberta, de ver *um brilhozinho* nos olhos dos outros e perceber que o nosso prazer está a ser contagiante.

Na última mensagem por correio electrónico que recebi do Paulo Abrantes, ele refere-se a esta grande questão da formação de professores. Respondia a um pedido de críticas a um texto que eu estava a escrever sobre a formação matemática dos futuros professores. E dizia, a certa altura:

> *O tema é realmente muito difícil. Trabalhei nestes 20 anos com futuros professores e creio ter percebido que, em qualquer dos dois aspectos que me parecem fundamentais (o gosto pela Matemática e o gosto por ser professor de Matemática), os casos de sucesso — houve alguns! — parecem-me ter sido aqueles em que ajudei ou encorajei algo que já existia nos estudantes. Se isto é verdade, então o percurso deles até ao 4º ano da licenciatura já é determinante de muita coisa (nunca é tudo mas ...)*

Alguns pensarão que se é assim então não há nada a fazer ... ou já se gosta de matemática quando se acaba o curso e se inicia a vida como professor, ou o melhor é mudar de vida. Não me parece de todo que seja assim. Precisamente, acredito que o gosto pela matemática se adquire estudando matemática, lendo matemática, resolvendo problemas de matemática, em suma fazendo matemática ... É possível, e infelizmente não raro, que um estudante termine o curso tendo sido sujeito, durante 16 anos, a um ensino de matemática pedante, seco, desapaixonado ... Mesmo assim, se resistiu e continua a ter por objectivo a profissão de professor de matemática, acredito plenamente que a experiência matemática tem poder para desenvolver o seu gosto pela matemática e por ser professor de matemática. Mas tem que ser uma verdadeira experiência matemática, não uma espécie de *fast food* acompanhada de uma retórica qualquer.

Eduardo Veloso

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de forma a tornar possível a sua inclusão na Revista.